Ao meu avô, que me mostrou o mundo
sem nunca ter andado de avião.

PREFÁCIO

A leitura do livro *Os Bons Rapazes Que Conquistaram a Europa do Futsal* torna-se imprescindível para quem quiser conhecer em profundidade todas as etapas que levaram à conquista do primeiro título europeu da história do futsal português.

Ao longo de toda a obra, o autor, Miguel Henriques, socorrendo-se da sua extensa carreira jornalística e do amor que, durante vários anos, sempre demonstrou pelo futsal, guia-nos através das histórias pessoais dos 14 futsalistas que escreveram a página mais brilhante da modalidade no nosso país, assim como nos explica a forma como a aposta feita neste âmbito nos últimos anos permitiu levantar, em Lubliana, em 2018, o troféu de campeão europeu.

Como presidente da Federação Portuguesa de Futebol, sou testemunha da visão compreensiva proposta nesta publicação, que elenca quer as principais apostas estratégicas federativas, quer os papéis fulcrais desempenhados pelo meu colega de Direção Pedro Dias e pelo selecionador nacional Jorge Braz na construção do caminho que desembocou na conquista de 10 de fevereiro de 2018.

Propondo uma visita aos bastidores da competição e construindo um clima de intimidade entre leitor e jogadores, os principais protagonistas desta epopeia, Miguel Henriques nunca esquece o contributo decisivo dos clubes e das associações distritais nesta epopeia do desporto e do futsal nacional.

Com a distância emocional imposta pelos factos e a proximidade ditada pelos afetos não escondidos do escritor, poderemos assim ficar a

conhecer a infância e o crescimento dos nossos craques, e também descobrir quais foram os eixos estratégicos e os planos que permitiram, de uma forma expressiva, aumentar o número de praticantes, clubes, competições ou seleções nacionais desta modalidade que já é a mais praticada nos pavilhões do nosso país.

Uma visita a outros campeonatos internacionais, onde Portugal, aliás, já ameaçara concretizar as suas ambições, o acompanhamento minucioso da preparação lusa, a narrativa dos fracassos e derrotas, das vitórias e sucessos, das tristezas e alegrias que a Seleção Nacional teve de enfrentar só têm o condão de enriquecer ainda mais a narrativa e, por consequência, o leitor.

Se o saber enciclopédico do autor já tornaria esta leitura recomendável, a sua dedicação ao futsal torna-a obrigatória. Porque, como diz um velho adágio, nesta obra a razão segura as rédeas que a paixão conduz.

Fernando Gomes
Presidente da FPF


“NÃO NOS PASSA SAIR DA ESLOVÉNIA SEM UMA MEDALHA”
“SABEMOS CLARAMENTE A COR DA MEDALHA QUE QUEREMOS”
JORGE BRAZ
À CONQUISTA DO SONHO


“FOI COMO SE FOSSE A MINHA PRIMEIRA CONVOCATÓRIA“
“NÃO É NENHUMA UTOPIA DIZER QUE PODEMOS VENCER“
1 BEBÉ
À CONQUISTA DO SONHO


“O OBJETIVO É FAZER
MAIS E MELHOR!”
“VAMOS ENTREGAR-NOS
DE CORPO E ALMA!”
12 ANDRÉ SOUSA
À CONQUISTA DO SONHO



14 VÍTOR HUGO

À CONQUISTA DO SONHO

INTRODUÇÃO

O futsal tem um tempo contado à sua medida. Não se rege pelo mostrador dos relógios que trazemos no pulso nem pelos telemóveis que tiramos incessantemente do bolso para consultar o passar dos minutos. São instrumentos inúteis quando estamos sentados na bancada a assistir ao desenrolar dos acontecimentos. O olhar divide-se, num pingue-pongue constante, entre o que se passa lá em baixo na quadra e o cronómetro do pavilhão, que para e arranca ao ritmo de cada jogada. Às vezes, os segundos atropelam-se a uma velocidade estonteante, como logo a seguir se arrastam vagarosamente quando o resultado se inverte; tudo à medida de quem procura segurar uma vantagem ou de quem corre atrás do resultado. Nada está decidido até ao soar da buzina. É esta que determina o fim daquele tempo, do início dos sorrisos de quem triunfa e da tristeza de quem perde. É a maior magia de um desporto que apaixona milhares e pelo qual me deixei contagiar.

Era isso que sentia quando, nas tardes de domingo, ia pela mão do meu pai ao rinque de Olival Basto ver jogar o GROB, com as suas camisolas de um amarelo garrido e uns calções verde-alface. Esse era o tempo do futebol de cinco que se jogava ao ar livre; fizesse chuva ou sol, a bola rolava sempre num cimento de cor esbatida que em nada amortecia as quedas dos jogadores, e deixava marcas nos guarda-redes.

Era isso que sentia quando, anos mais tarde, já no tempo do futsal, deixei o meu pai em casa e passei a fazer-me acompanhar de amigos nas idas constantes ao Pavilhão Paz e Amizade, em Loures. Eram tardes

memoráveis, de jogos intensos e de rivalidades levadas ao extremo. Num pavilhão à moda antiga e pouco preparado para os milhares que se sentavam naqueles bancos corridos de pedra, o calor apertava nos meses de verão. Com o passar dos minutos, a camisola colava-se ao corpo e não havia água que fizesse diminuir a temperatura da sauna. A verdade é que o ambiente de festa, a intensidade do jogo, entre bola lá e bola cá, e os golos sem fim valiam tudo.

Era isso que sentia quando me tornei jornalista e passei a correr pavilhões de Norte a Sul do país para pôr em palavras tudo aquilo que via e ouvia, quando passei a ser porta-voz dos protagonistas e a lidar de perto com todas as emoções próprias de um jogo. Aumentou a responsabilidade, e procurei sempre caminhar entre a objetividade e a imparcialidade que devem reger a profissão. Os quilómetros acumulavam-se, e as horas de sono roubadas eram compensadas pela paixão que transportava nas palavras e nas entrevistas. Punha-me na pele de outros e procurava ser a sua extensão na pertinência das perguntas que fazia e nas histórias que contava.

As viagens deixaram de ser entre cidades para passarem a ser feitas entre países. Em 2010, rumei à Hungria para ver Portugal na final de um Europeu. A estreia transformou-se numa tradição. Aventurei-me nas edições de 2012, em Zagreb, e 2014, em Antuérpia. De dois em dois anos, rumava a um Europeu e juntava-me à família do futsal. Bem sei que a palavra é um lugar-comum e talvez esteja gasta pelo uso. Porém, de jogo para jogo, os encontros repetiam-se, e os rostos passaram a familiares, tudo por uma causa comum. Em 2016, quebrou-se a tradição dos Europeus, por causa de um Mundial. Nunca tinha ido tão longe à boleia do futsal, mas as semanas passadas na Colômbia fizeram valer cada «peso» gasto.

E foi isso que senti quando, em 2018, vi, em Liubliana, Portugal levantar o troféu de campeão europeu de futsal. Narrei aqueles instantes para a rádio TSF pondo em cada frase toda a emoção que me invadia. A palavra «campeão» foi usada até à exaustão por uma voz que foi enrouquecendo perante tamanha euforia. Foram anos e anos atrás de um desporto e de uma seleção que esteve sempre à porta do elevador da glória. O que sobrava em talento tinha-lhe faltado em sorte e em crença nos momentos decisivos. Porém, na Stozice Arena, palco desta competição,

tudo se conjugou para o êxito. Desengane-se quem pensa que o título se resume a uma caminhada de cinco jogos entre a fase de grupos e a final. Este Europeu começou a ser ganho muito antes do início da competição, e cada capítulo deste livro servirá para o convencer disso mesmo.



2 ANDRÉ COELHO

À CONQUISTA DO SONHO

O autocarro embalava os pensamentos e as dúvidas de todos estes jogadores, que estavam prestes a viver uma oportunidade única, perante um rival nunca antes transposto em jogos a doer: a Espanha.

Natural de uma família estranhamente pequena de Ponta Furna, uma povoação perdida na ilha de Santiago, Cabo Verde, Anilton é um filho da terra de cor acastanhada. O alcatrão ainda não ganhou terreno por ali e, por isso, os solavancos e a poeira são garantidos na viagem até à sua terra natal.

Fábio Cecílio depressa ganhou a alcunha de arruaceiro. É que, além de ser rápido, tinha um remate mais forte do que os demais e, portanto, os amigos decidiram distingui-lo com o tal cognome, que, de algum modo, até soava a elogio.

Ricardinho podia ter sido um dos muitos jovens talentosos que se perdem nos meandros de uma vida que puxa para baixo, mas felizmente encontrou no seu caminho alguém que o guiou e lhe permitiu ser o que sempre quis: o melhor do mundo.

Capítulo 1:

O JOGO MAIS IMPORTANTE DO RESTO DAS SUAS VIDAS

As nuvens adensavam-se em tons de cinzento e conviviam bem de perto entre si, como se se protegessem do frio invernal que caracterizava Liubliana por aqueles dias. Cá em baixo, a densa neve cobria a cidade, num manto branco que só era entrecortado pelas estradas e caminhos abertos graças ao trabalho das pessoas que, nos últimos dias, a varreram dali para fora.

A luz diminuía a olhos vistos, denunciando a chegada da noite, e à porta de um majestoso hotel ouvia-se o motor de um autocarro que roncava nervosamente, fruto da impaciência de quem ansiava pelos seus ocupantes. Lá na frente, ao pé do motorista, habituado a uma vida de espera, existia uma placa colada junto ao vidro que se dividia entre uma pequena bandeira e um conjunto de letras garrafais onde se lia: «Portugal».

Poucos instantes depois, um a um, os «encasacados» jogadores da seleção de futsal transpunham a porta giratória do hotel Austria Trend e entravam rapidamente no autocarro, num ritual tantas vezes repetido entre treinos e jogos. Naquele dia, havia algo de diferente no ar. Aquele pequeno trajeto de apenas cinco minutos entre o hotel e a Stozice Arena separava-os de uma final, do jogo das suas vidas, de um momento que poderia fazê-los entrar para a história, ou ficar à porta disso.

À medida que cada um procurava os lugares marcados por rotinas anteriores, os rostos fechavam-se. As conversas eram poucas ou quase nenhumas, daí que o ronco do motor se sobrepusesse ao ambiente reinante. Desengane-se quem achar que este silêncio era obra de uma

qualquer desavença entre aquele grupo que estava junto há 25 dias. A boa disposição teve sempre lugar naquele autocarro, mas este não era o momento, nem esta era uma viagem igual a tantas outras: estava em causa um título europeu.

Uns refugiavam-se na música que ecoava de forma ensurdecedora pelos volumosos auscultadores, enquanto mentalmente reviam as frases proferidas minutos antes pelo selecionador na habitual reunião, e interiorizavam os papéis que lhes tinham sido distribuídos para aquela atuação final. Outros agarravam-se ao telefone e embrenhavam-se nas conversas e nas palavras que chegavam do outro lado de amigos e familiares, de quem os conhece à transparência e sabia adequá-las à solenidade que o momento requeria.

O autocarro embalava os pensamentos e as dúvidas de todos estes jogadores, que estavam prestes a viver uma oportunidade única, perante um rival nunca antes transposto em jogos a doer: a Espanha. Cinco minutos depois, uma última curva, e a Stozice Arena desvendava-se por entre as árvores.

Bruno Coelho: defesas memoráveis e sermões inesquecíveis

Através da janela do autocarro, os olhos de Bruno Coelho fixavam-se naquele palco. Naquele dia, era daquela janela, envergando as cores de Portugal e com uma final por jogar, que a sua vida se desenrolava. Porém, muitos anos antes, o seu olhar prendia-se entre a janela de sua casa, em Monte Abraão, e o rinque lá em baixo, para o qual tinha vista privilegiada. Perdia a conta às vezes em que se debruçava no parapeito, na esperança de ver alguém que fosse, para ter o pretexto de descer e fazer aquilo de que mais gostava: jogar à bola. Neste tempo, não havia conta certa para os encontros, bastava aparecer um ou dois miúdos e uma bola, que isso era motivo para que Bruno largasse de casa a correr, enquanto gritava: «Vou jogar lá abaixo». A resposta chegava por parte do pai, quando muitas vezes já havia batido a porta: «Tens uma hora!» Promessas que ficavam por cumprir, e que valiam ao progenitor uma ida ao campo feita por entre palavras resmungadas e que se tornavam mais audíveis quando avistava o filho.

À falta de um número certo de jogadores, respondia-se com a imaginação da idade e inventavam-se regras à medida da ocasião. Se eram apenas dois, jogava-se ao «baliza a baliza». Era tácito que só se podia ir até ao meio-campo para chutar e as defesas faziam-se de todas as formas e feitios, mas usar as mãos era expressamente proibido. Chegavam mais uns tantos e passava-se então à modalidade mundialmente conhecida como «vira costas». Um era designado para a baliza, virava-se de costas e atirava a bola, e depois era cada um por si. Quem marcava passava à fase seguinte e ocupava o lugar de espetador atento, à espera dos concorrentes diretos para a próxima etapa. Havia ainda o *bica bidon*, uma variante do jogo das escondidas, mas em que a bola também marcava presença. Primeiro, decorriam os longos desafios do «par ou ímpar», para definir quem seria o eleito a ir procurar os outros — claro está que era o lugar menos cobiçado. Passada essa formalidade, o «perdedor» punha-se a contar até 50, enquanto todos os outros se escondiam nas redondezas. Caso alguém conseguisse chegar perto da bola e chutá-la, o pobre coitado voltava ao início, e todos ganhavam o direito de procurar um novo refúgio. Mas o rinque era apenas o estádio oficial para os jogos de uma vida que se quer a ganhar. Qualquer estrada ou rua, com postes improvisados feitos do que havia à mão, eram pretexto para mais um jogo sem hora marcada.

Bruno era nessa altura um promissor guarda-redes. Primeiro, por imposição dos mais velhos. A idade era um posto e, enquanto uns mandavam, os outros, naturalmente, obedeciam. Contudo, o miúdo ganhou-lhe o gosto e até chegou a ganhar o prémio de melhor guarda-redes do Interturmas, torneio de escola em que se jogava a honra dos colegas e amigos, a admiração das miúdas e o respeito dos restantes. A vontade de ganhar era tanta, que o pequeno guardião não se coibia de se atirar para o chão, fosse onde fosse, sabendo que depois em casa teria de prestar contas da roupa suja ou rasgada com que aparecia de quando em vez. Há uma defesa que ficou para a história e na memória de Bruno, num dos muitos jogos disputados na Escola EB 2,3 Ruy Belo, em Monte Abraão. Os dias eram chuvosos, porque o inverno assim ordena, e a terra do campo onde jogava havia perdido a sua consistência, transformando-se num lamaçal

escorregadio. No meio da contenda, surgiu um remate forte e colocado ao qual o pequeno guarda-redes não quis ficar atrás. Atirou-se para uma defesa briosa de quem sabia que conseguia lá chegar. A bola não entrou, o seu orgulho ficou intacto, a sua roupa nem tanto. Ganhou tonalidades castanhas, que eram resultado de uma mistura de lama e areia. A defesa ficou para contar, mas o puxão de orelhas também não foi esquecido e ainda dá uma certa comichão quando a história é por ele recordada.

João Matos: em busca das bolas perdidas no quintal da vizinha armada

Não muito longe, e na mesma época, no meio de Carnaxide, a tradição mantinha-se: o benjamim tinha lugar garantido por entre os postes, enquanto os mais velhos se digladiavam lá na frente. João Matos era o mais novo de quatro irmãos, que vieram em fornadas distintas. Carlos e André eram os companheiros do caçula da família nas peladas junto à praceta onde moravam. Um cruzava, o outro chutava e o mais pequeno defendia. Como as brincadeiras naquelas idades são para ser levadas a sério, João vestia-se a rigor para tentar estar à altura de tamanho desafio. Cumpria em casa um ritual quase obrigatório: primeiro vestia uma camisola de manga curta, depois juntava-lhe uma camisola de manga comprida e ainda se encasacava, porque o alcatrão não era para brincadeiras. O ritual repetia-se durante os doze meses que tem o ano, e quem o via a sair de casa assim vestido já sabia para onde se dirigia. Porém, para que tudo pudesse acontecer a preceito, os três irmãos dedicaram-se a dar vida a uma baliza na parede do prédio. Tinta, mãos à obra, e ela ganhou forma. Resistiu aos jogos e aos anos e ainda hoje lá está, embora sem a companhia de outros tempos.

Quando a estas partidas se juntava mais gente, o jogo ideal passava a ser os cruzamentos. Havia um que ficava encarregado das bolas paradas e os outros concentravam-se num «molhinho», saltando em busca do golo que lhes daria o direito de expulsar um opositor. A matreirice de quem tinha pouco jeito para matador revelava-se na discrição e

contenção nas palavras. João Matos não marcava, mas também não era expulso. Não foram raras as vezes que o homem dos cruzamentos tirou mal as medidas, e lá ia a bola para o quintal da vizinha de mais idade. Aí, parava a contenda e iniciava-se outro desafio: o jogo do gato e do rato. A senhora, a que todos apelidavam simplesmente de «velha» e que hoje o é ainda mais, perdia a paciência pelas vezes que estes pirralhos saltavam o muro. Se nem os cães nem as silvas travavam os miúdos, que saíam de lá picados, mas com um troféu entre as mãos, medidas mais drásticas tinham de ser tomadas. Primeiro, tratou de enfeitar o seu muro com cacos de vidro, para dissuadir os mais novos, e depois arranjou uma pequena pressão de ar, que manejava com a destreza própria da idade, para assustar os atrevidos. João quer crer que ela nunca fez pontaria a quem lá entrava, porque na verdade nunca acertou em ninguém. Talvez se tratasse apenas de um alerta ou, quem sabe, de uma mira pouco afinada.

Quando não estava entre os mais velhos, quase sempre amigos dos irmãos na sua praceta, João tinha os jogos do seu escalão na escola, onde lhe era dada a possibilidade de se aventurar em fintas e golos. A escolha da posição no campo dependia do seu próprio julgamento. Fazia uma avaliação da destreza dos companheiros, comparava-se e, se fossem mais fortes, oferecia-se para estar entre os postes, caso contrário seguia lá para a frente, onde tudo se decidia.

Tunha: a história do cabo-verdiano mais respeitado na Ameixoeira

John tinha nome estrangeiro, mas falava português. Ninguém sabe bem ao certo de onde nasceu o estrangeirismo que apelidava aquele cabo-verdiano alto, de costas largas e pele escura castigada pelo sol e fruto das suas origens. De John sabia-se apenas que era mestre de karaté e que, nesta altura, passava grande parte dos seus dias no rinque da Ameixoeira, ponto de encontro de todos os jovens dos bairros das imediações. Tunha era apenas mais uma criança entre tantas outras que se dirigiam até ali, acompanhado do irmão quatro anos mais velho, para jogar futebol.

A presença de John impunha respeito e as regras dos encontros que se disputavam. Não é exagerado dizer que esta figura foi, para muitas daquelas crianças, mais paternal do que muitos pais, a quem faltava tempo para dedicar aos filhos. Naquele campo, formavam-se sete a oito equipas por dia, que esperavam pacientemente a sua vez, em jogos de dez minutos ou dois golos, o famoso «roda bota fora». Tunha era um dos mais novos, mas jogava e apanhava como gente grande. Não havia complacência com a sua idade e ele sabia-o, por isso não se queixava.

John não era apenas o garante da ordem, era também responsável por lançar pequenos desafios aos mais novos, que envolviam gelados e, por vezes, até dinheiro como prémio. De vez em quando, o cabo-verdiano acenava com um gelado a quem conseguisse defender um penállti por ele batido. Nunca ninguém alcançou tamanho feito, e a memória de Tunha mistura-se entre a frustração da altura e o riso que a recordação provoca. Irritava a destreza do calmeirão na marcação dos castigos máximos. Eram muitos os que se atreviam, mas sem conseguirem a tão desejada recompensa.

Quando John não estava, deturpavam-se as regras, subia-se o tom de voz e pisava-se o risco continuadamente. Aqueles bairros construíram-se de histórias de sobrevivência, na base da lei do mais forte, e isso refletia-se nos jovens que por ali cresciam e nos jogos de futebol em que participavam. Talvez por isso uma figura como John tenha sido tão única e inesquecível para Tunha. Ele era a garantia de uma justiça rara e de um respeito pouco visto, mesmo por parte daqueles que já na altura viviam à margem da lei.

Pedro Cary: os privilégios de ser o dono do campo

Em tempos de escola, ser dono de uma bola granjeava a cobiça de uns e o respeito de muitos. Aquele objeto redondo que se possuía era capaz de nos fazer sentir diferentes, mais importantes, dar-nos o privilégio de ditar ordens e até de ganhar amigos de ocasião. Se ter uma bola significava tudo isso, quanto mais ter um verdadeiro campo em casa para todas as horas.

O algarvio Pedro Cary sempre se sentiu um privilegiado. Entre laranjeiras e limoeiros, o quintal do rés do chão direito onde vivia, em Loulé, tinha um campo de futebol, que se estendia por 14 metros de comprimento e seis de largura e que todos invejavam.

Quando o miúdo franzino de cinco anos ainda não tinha autorização para sair de casa, via o pôr do sol a partir do seu quintal, onde gastava as longas tardes de verão. Se estava sozinho, fazia da parede um alvo, para onde chutava a bola, para que esta depois fosse devolvida; depois, ajeitava-a, dominando de peito ou joelho, e visava a baliza contrária. Eram estas as suas brincadeiras quando o irmão não estava e que se prolongavam sem hora para acabar. Como em todas as outras histórias, a corda era esticada até ao momento em que a voz da mãe subia de tom. Quando Vasco se juntava — o irmão, três anos mais velho —, as regras mudavam. Passava a jogar-se no campo todo, no famoso «baliza a baliza». As regras eram simples: cada jogador só podia dar dois toques, um para defender e outro para rematar de volta.

Não era estranho que por aquelas bandas todos quisessem ir a casa do Pedro e do Vasco, e que acabasse por ser aquele o ponto de encontro de muitos verões. Uns eram escolhidos, outros faziam-se de convidados. Normalmente, os jogos desenrolavam-se dois contra dois ou três contra três, naquelas picardias para quem perder ou ganhar é tudo. Porém, quando chegavam os aniversários, era uma confusão dos diabos, porque o que sobrava em gente faltava em tamanho ao campo.

Quem não gostava muito desta azáfama constante era a dona Dorinda, que tinha o azar de morar no rés do chão direito. O problema nem era tanto a alegria sonora das crianças, mas sim o constante «BAM» que a bola fazia sempre que ia de encontro à parede. E mesmo quando o barulho cessava a senhora desconfiava. Talvez porque este silêncio era muitas vezes seguido do soar da campainha. Uns minutos depois, lá estavam os miúdos à procura das palavras mais educadas para lhe pedir de volta a bola que, num pontapé mais enviesado, tinha ido parar ao seu quintal.

Pany Varela: um crioulo de pés descalços e uma bola de trapos

Jogar à bola é um ato de pura imaginação. A improvisação não se cinge à arte que define os predestinados, mas sim ao engenho na resposta à necessidade. Não é preciso uma bola ou um campo de linhas traçadas a preceito, não são precisas balizas onde os postes se unem com a trave para dar forma ao alvo de todas as jogadas, não são precisos sequer ténis de cores garridas ou calções e camisolas de ídolos que se ouvem no rádio ou se veem na televisão. As desculpas ganham a forma de soluções. O pontapé de saída faz-se a partir de uma pedra ou de uma bola desencantada na ocasião e o resto é história que se conta em golos.

Natural de uma família estranhamente pequena da Ponta Furna, uma povoação perdida na ilha de Santiago, Cabo Verde, Anilton é um filho da terra de cor acastanhada. O alcatrão ainda não ganhou terreno por ali e, por isso, os solavancos e a poeira são garantidos na viagem até à sua terra natal. As casas têm portas, mas daquelas que se querem abertas, por onde entra e sai gente sem pedir licença. Ali não se faz contas à mesa, porque há sempre gente a chegar para comer e há sempre comida para quem chega. As pessoas vivem com dois nomes, um para o registo e outro para serem chamadas. Se perguntarem pelo Anilton, a resposta virá em forma de negação; porém, se chamarem por Pany, nome de casa dado um dia pela sua avó, com certeza alguém saberá de quem se trata.

Foi nesta terra que o cabo-verdiano de nascimento deu os primeiros pontapés na bola. Da porta de casa via um enorme campo de futebol de onze acastanhado, onde se desenrolavam os grandes jogos da povoação. Todos os dias saía de pés descalços até ao outro lado da rua para as partidas intermináveis. Nessa altura, não tinha direito a jogar no campo grande ocupado pelos mais velhos e, por isso, refugiava-se atrás da baliza para realizar as peladas com os amigos. As pedras serviam de postes e uma meia cheia de trapos assumia uma forma arredondada para ser chutada por todos. Os dias só tinham fim quando as mães vinham buscar os meninos.

Dez anos se passaram até a infância do jogador passar a fazer-se em Portugal, onde finalmente conheceu o pai, de quem não tinha memória. A família reuniu-se no Bairro da Icesa, em Vialonga. À sua espera, Pany tinha primos que nunca tinha visto e um mundo novo, diferente daquele que até ali imaginara. Estranhou os prédios altos, com as suas portas sempre fechadas, e a obrigação de ter de andar sempre calçado, contrariando hábitos de uma vida.

Aprendeu de pequeno a falar o crioulo de Santiago, mas depressa percebeu que ali era pouco útil para se fazer entender. Valeu a companhia do primo mais velho que o levava para todo o lado, valeram os meses de verão daquele ano e as longas horas que passava na rua para que depressa as barreiras fossem ultrapassadas. Da terra batida de Ponta Furna passou para o cimento do rinque de Vialonga e, entre pontapés na gramática e outros tantos na bola, não demorou a ganhar o respeito dos adversários pela qualidade inata. Pé na bola e fintar até mais não, era esta a máxima do futebol de rua, e Pany personificava-a como ninguém.

Fábio Cecílio: o arruaceiro que se dividia entre os jogos de rua e o trabalho no campo

O rio Douro caminha sem pressa, torneando montanhas e vales. À sua passagem, as videiras de ramos retorcidos acenam-lhe, com as suas folhas balançando ao sabor do vento. Os terrenos circundantes são enormes escadarias que, de socalco em socalco, abrem caminho até às povoações mais próximas. Barcos é uma dessas aldeias vinhateiras que pertencem à famosa região demarcada do Douro. O sotaque de quem por ali nasce e cresce entranha-se para não mais se perder, como um selo de qualidade que acompanha os que emigram ou partem à procura da sorte, uma das poucas coisas que por ali não cresce na terra lavrada.

Fábio Cecílio é um dos filhos da terra. Ali se fez menino e homem por entre as brincadeiras próprias da idade e a ajuda na labuta diária que se incute desde cedo em casa. As suas primeiras memórias remontam à terra batida com que se deparava na porta da frente de sua casa e a uma

casa de pedra que existia do outro lado da rua. Era num nicho, um espaço pouco profundo embutido naquela granítica parede, que em pequeno treinava a sua pontaria. Os remates certeiros faziam-lhe ganhar uns metros e chutar cada vez mais longe, testando os limites da sua força e da sua precisão. Quando na rua se juntavam mais uns amigos da aldeia, o jogo mudava. Com recurso aos chinelos com que caminhavam na rua, faziam um máximo de sete balizas, que não poderiam ter mais do que um metro. Cada jogador sabia que tinha de defender como podia a sua baliza e alvejar as contrárias. Montavam-se estratégias e faziam-se complôs para expulsar uns e ficarem outros. Cada golo sofrido implicava atirar alguém para fora do jogo, até ao decisivo mano a mano.

Também havia o habitual rinque de cimento para quando a conta permitia formar duas equipas. Fábio depressa ganhou a alcunha de arruaceiro. É que, além de ser rápido, tinha um remate mais forte do que os demais e, portanto, os amigos decidiram distingui-lo com o tal cognome, que, de algum modo, até soava a elogio. Só aos 13 anos descobriu o futsal de formação, num daqueles acasos da vida. A equipa da AJAB Tabuaço, clube da sede de concelho situado a quatro quilómetros de Barcos, decidiu promover um jogo entre os seus pupilos e os miúdos da escola, para o treino ser mais competitivo. Resultado: ganharam os jogadores de rua e o arruaceiro fartou-se de marcar golos. O treinador gostou do que viu, puxou-o para o seu lado, e a AJAB passou a contar com o potente remate de Fábio Cecílio.

Tiago Brito: dos jogos nos armazéns Colgate ao futebol de praia na Memória

Mário Brito é nome de uma avenida em Perafita; Joaquim Brito, o nome de um jogador que se sagrou campeão europeu de futebol de salão em 1989; e Mário Brito, o nome do presidente que há quase 20 anos lidera os destinos do Freixieiro. Se para muitas das pessoas que vivem no bairro de Perafita estas três figuras são nomes com histórias para contar no bairro, para Tiago Brito não deixam de ser simplesmente os nomes

do avô, do pai e do tio, respetivamente, as pessoas com quem partilhou a sua vida de casa.

Aos seis anos, o miúdo tinha o desinteresse natural da idade nos feitos da família e nos quentes jogos de futsal que se desenrolavam todos os fins de semana no Pavilhão do Choradinho, a casa do Freixieiro. Preferia refugiar-se com os amigos no enorme parque dos armazéns Colgate que existiam à beira de casa para realizar os seus próprios jogos e com as suas próprias regras. Mais uma vez, as pedras faziam as vezes de postes e as equipas ajeitavam-se à medida de quem ia chegando. Fosse número par ou ímpar, havia lugar para todos. Quando se cansavam das peladinhas, mudavam para a «Paredinha». Um ficava encarregado da bola e de tentar acertar naqueles alvos humanos irrequietos que fugiam como podiam. Quando a bola atingia o destino, era eliminação certa. Os problemas próprios da idade surgiam quando o esférico ultrapassava os limites dos armazéns num chuto mais descontrolado e ia parar ao quintal do lado. Além da tortuosa vedação, que só os mais aventureiros subiam, havia do outro lado um cão de olhos postos nos possíveis invasores. O rafeiro latia como gente grande e isso bastava para que o medo se apoderasse dos mais pequenos. Assim sendo, era preciso dividir as forças em dois contingentes. Uns ficavam a fazer a vez de vigilantes e, quando o cão aparecia, faziam de tudo para desviar a sua atenção, entre gritos e correrias. Do lado contrário, estava o outro batalhão, que, através da famosa técnica do «pé de ladrão», entrelaçava as mãos, para que o amigo pudesse ter o apoio necessário para transpor o obstáculo.

Quando o calor apertava, o bando arrepiava caminho pelas ruas fora, durante cerca de quatro quilómetros, até à praia. A areia da Memória passava a ser o novo estádio para aquelas jornadas de futebol. Devido aos altos e baixos do areal lá de cima, os miúdos desciam até à beira-mar, onde a areia, lambida pelo mar, ganhava a consistência necessária para a bola rolar. Era o tempo em que a infância saía à rua.